

# O HUMANO E SUA COMPLEXIDADE EM “O SOL NA CABEÇA”, DE GEOVANI MARTINS

*THE HUMAN AND ITS COMPLEXITY IN “THE SUN IN THE HEAD”, BY GEOVANI MARTINS*

*EL HUMANO Y SU COMPLEJIDAD EN “O SOL NA CABEÇA”, DE GEOVANI MARTINS*

MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Valéria Pilão<sup>1</sup>

“‘Ninguém nasce borboleta’, pensou Breno. Depois disse baixinho: ‘A borboleta é um presente do tempo’” (MARTINS, 2019, p. 33). É com esta frase que Geovani Martins inicia um de seus contos, *O caso da borboleta*, trazendo uma das características centrais nessa obra de histórias predominantemente ambientadas nos morros da cidade do Rio de Janeiro, a saber, a possibilidade de transformação humana ou, ainda, a liberdade de ser.

A obra de estreia deste jovem escritor, desde a leitura do primeiro conto, já apresenta uma marca: as histórias aparecem sem fim, ou melhor, finalizam sem que o futuro dos personagens e de suas ações seja revelado. Em tempos de narrativas repetitivas, estereotipadas e com finais felizes, este aspecto, que pode incomodar alguns, é uma escolha estética voltada a evidenciar a potencialidade humana. E, ainda, evidencia que as histórias de seus personagens podem se transformar a depender das escolhas individuais e/ou das decisões políticas/coletivas.

O conto *Espiral* ilustra essa tensão na subjetividade dos personagens. O narrador, que também é o personagem principal, não tem nome — o que já é muito significativo em uma sociedade que sentencia os destinos dos garotos da periferia como números que serão contados nas detenções, ou como mortos. O narrador do conto, portanto, ao não apresentar nome próprio, pode ser qualquer garoto que sai do morro da zona sul e alcança o asfalto. Seu interlocutor, por sua vez, chama-se Mário. O lugar ocupado em uma sociedade de classes o torna singular: morador da zona sul, região onde vive com a família (esposa e duas filhas) e temeroso das violências urbanas. Os personagens teriam cor? Apesar de ser esse um aspecto fundamental em uma sociedade racista como a brasileira, isso não está evidenciado pelo autor; o leitor pode

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais pela UNESP/Marília. Mestra em Sociologia pela UFPR. Bacharela e Licenciada pela UNESP/Marília. Professora na UNINTER e UTP. E-mail: valeria.p@uninter.com.

supor que Mário é branco e o narrador é negro, mas fica a pergunta: tal suposição não seria uma leitura pré-concebida sobre os moradores das periferias?

A vida de Mário se cruza com a do narrador quando se esbarram em uma esquina e Mário acredita que será assaltado. A sensação experienciada pelo jovem sem nome já era conhecida; há muito tempo sabia que sua presença causava medo no outro, embora ainda não entendesse o que estava acontecendo. Mesmo uniformizado, recém-saído da escola pública e a caminho do ponto de ônibus, o encontro fortuito poderia gerar tais situações, afinal, já estava marcado pelo estereótipo que sentenciaria a sua vida.

Essa percepção, aos poucos, é canalizada na forma de uma obsessão que reproduz o lugar que a sociedade lhe tinha reservado: ele começa a perseguir as suas vítimas como se parecesse “capaz de qualquer coisa para conseguir o que queria” (MARTINS, 2019, p. 18). Após o choque com Mário, a história de vida do narrador é colocada em xeque pois, depois de perseguir Mário por três meses, ele deverá fazer uma escolha que poderá ou não corresponder às feitas pela sociedade para ele, reproduzindo um ciclo espiral de violência que, aparentemente, não tem fim.

Ao final dessa narração é inevitável indagar quantos jovens brasileiros de periferia já se sentiram/sentem dessa forma. Quantas escolhas foram feitas aparentemente pelos indivíduos, mas que muito antes já haviam sido realizadas pela sociedade? O conto possibilita reflexões importantes sobre as estruturas sociais que, historicamente, perpetuam desigualdades, dificultam a mobilidade socioeconômica e reproduzem as violências.

A escrita de Geovani Martins delinea a periferia carioca com seus dilemas, retratados nos seus personagens e sua linguagem singular. O autor faz uso tanto das gírias e da oralidade como um recurso eficaz de narração, quanto da escrita rigorosa da língua portuguesa. Esse outro movimento da obra também permite extrapolar seu *locus* inicial e proporciona a leitoras e leitores que sintam o calor de ter “o sol na cabeça”, tal qual o narrador em *Rolézim* que, ao acordar diz que “tava ligado o maçarico! Sem neurose, não era nem nove da manhã e a minha caxanga parecia que tava derretendo. Não dava nem mais pra ver as infiltração na sala, tava tudo seco.” (MARTINS, 2019, p. 9).

O calor intenso no interior da moradia, descrito por meio da linguagem coloquial, demonstra que o sol atinge a todos; no entanto, ter a “caxanga” como que “derretendo” expressa o lugar ocupado por esse indivíduo em uma sociedade desigual e hierarquizada, pois, afinal, pode-se dizer que o sol chega a todos, mas a sensação de tê-lo literalmente **na cabeça** atinge aqueles que socialmente não têm abrigo ou que o têm de maneira precarizada.

O cuidado no uso das palavras associado às escolhas das histórias descritas é um mérito do escritor, que consegue expressar os sentimentos dos personagens por meio dos diálogos e das reflexões de cada história narrada. Suas complexidades podem ser expressadas nas tensões experienciadas por Paulo, uma criança, e a arma que é instrumento de trabalho de seu pai Almir, um segurança, no conto *Roleta-russa*; ou ainda, em Fernando, que “tatuava” a cidade, mas havia decidido mudar o rumo da sua vida desde que se tornara pai, no conto *O rabisco*.

Por meio do personagem Fernando, pode-se depreender a capacidade do autor de apresentar o quanto é difícil realizar os movimentos que podem levar o indivíduo a concretizar novos rumos em sua vida, ainda que, de antemão, deseje e tenha ciência da necessidade. Longe de trazer personagens simples ou chapados, os dilemas humanos estão presentes em todo o texto.

Fernando, mesmo decidido a cessar com uma vida que o colocava em perigo, como já relatado, e buscando romper com sua própria história de filho desamparado por um pai que não conseguiu se livrar da bebida, acaba por titubear e se vê reproduzindo o abandono paterno. Contraditoriamente, o que também está em jogo na escolha — pois renuncia ao grafite para ser pai dentro dos padrões predominantes — é o seu impulso criativo, a liberdade exercida a cada pista alcançada.

Toda a tensão de estar, potencialmente, prestes a ser apanhado — situação vivida pelo personagem ao longo de todo o conto — vem à tona por meio de uma redação que traz reflexões propositadamente interrompidas. As lembranças do pai, a adrenalina causada pelo “xarpi”, a recordação do amigo morto, o reconhecimento de que o “rabisco tem a ver com a eternidade” (MARTINS, 2019, p. 53), são o seu destino. A escrita de Geovani Martins revela todo o nervosismo do momento e sua narração descontinua toda a confusão real e subjetiva na qual estava metido Fernando.

Esse é um livro que merece mais de uma leitura; cada conto traz uma gama imensa de tensões, dúvidas e desejos. Longe de reproduzir uma leitura estereotipada das pessoas que habitam as periferias, o autor demonstra a grandeza e a miséria da vida humana, à revelia da ausência de políticas públicas, das condições de trabalho precarizadas, do tráfico, da violência policial e tantos outros temas que se evidenciam em suas histórias. Geovani Martins apresenta a complexidade da realidade, pois nada está definitivamente estabelecido. O humano pode a todo momento se transformar, nada e ninguém está fadado a um destino pré-determinado e é por isso que a avó de Breno pode dizer ao menino que a “lagarta queima o dedinho e come planta, mas vira borboleta. Ninguém nasce borboleta.” (MARTINS, 2019, p. 33).